

Marillia Gabriella Duarte Fialho

Mestre em Gestão em Organizações Aprendentes - UFPB

Dra. Emília Maria da Trindade Prestes

Docente da UFPB - CE

Resumo

Este trabalho tem como objetivo compreender, na percepção de mulheres-docentes a vivência de múltiplos papéis na relação trabalho-vida pessoal. Para uma melhor compreensão do tema, foi elaborada uma fundamentação teórica, abordando as especificidades do perfil da família no decorrer da história, o papel da mulher na família e no mercado de trabalho, a docência na educação superior entre outros tópicos. O trabalho utilizou uma abordagem qualitativa básica com o intuito de compreender o significado dos papéis de mãe, mulher e docente na percepção de professoras do ensino superior, as atitudes que elas tomam para evitar o conflito e como lidam com esses três papéis nas suas vidas. O caminho metodológico percorrido foi balizado por uma pesquisa realizada por meio de entrevistas semiestruturadas com cinco professoras da educação superior que atuam em instituições da rede privada e/ou pública no estado da Paraíba, Brasil. O processo de análise faz emergir os seguintes temas: o contexto da ação docente na educação superior, desafios e tensões da ação docente na educação superior e os múltiplos papéis na relação trabalho-vida pessoal. A análise compreensiva interpretativa revelou como as docentes percebem o que tem mais prioridades em suas vidas: a maternidade, mulher ou trabalho. Os resultados indicaram que os docentes vivenciam tensões e preocupações relacionadas à grande carga de trabalho, longas jornadas diárias e ritmo de trabalho intenso, juntamente com as atividades domésticas. O trabalho dos docentes é marcado pelo caráter emocional, interativo, reflexivo e pela variedade. Estas características do trabalho dos docentes pesquisados dificultam a relação trabalho-família, e resultam em graves consequências não só na vida pessoal e familiar, mas também em prejuízos o desenvolvimento profissional. As esferas do trabalho e da vida pessoal estão cada vez mais relacionadas entre si, fazendo emergir entre os docentes a preocupação de manter o equilíbrio entre essas dimensões da vida.

PALAVRAS CHAVES: Docência, Múltiplos papéis, Relação trabalho-vida pessoal.

1. Introdução

Esta introdução apresenta um breve esboço sobre os aspectos relacionados ao tema em questão, expõe através da justificativa a importância, explica a questão de pesquisa e indica os objetivos do estudo. As mulheres, no decorrer da história, tiveram que lutar persistir até conquistar o seu lugar no mercado de trabalho. O espaço público que era visto e almejado como o caminho para a liberdade, a legitimação e o reconhecimento dos seus potenciais exercidos fora do ambiente privado, ou seja, fora dos afazeres domésticos, como: lavar, passar, cozinhar, educar os filhos, etc.

Obtiveram conquistas, vitórias e ao mesmo tempo perdas e frustrações que se arrastaram até a contemporaneidade, pois as conquistas das quais as mulheres da atualidade desfrutam, como: licença maternidade, votar e ser votada, a exemplo da primeira Presidenta mulher do Brasil, Dilma Rousseff. O direito a educação, são algumas conquistas feministas no passado, mas não se trata de um passado muito distante, pois as mulheres da atualidade sentem as dificuldades, sofrimentos e angústias das mulheres da era industrial, quando optaram por exercer alguma atividade profissional e a partir dessa decisão, deixaram de lado as questões domésticas.

Para as mulheres que enfrentam dupla jornada de trabalho se torna mais difícil ingressar e principalmente continuar no mercado de trabalho. Desenvolvem-se muitos papéis, como o de ser mãe, mulher e docente. Mesmo diante de tantos papéis que precisa desenvolver, optou por ingressar no mercado de trabalho.

A teoria de status ou teoria dos papéis sociais gira em torno de três planos: o indivíduo; as interações sociais e as instituições, baseado nessa teoria é que nos ajudará a entender melhor cada papel que foi citado acima. O maior desafio para as mulheres é conciliar os múltiplos papéis sem que um papel sobreponha o outro, de forma que andem harmonicamente.

As novas relações de trabalho, bem como o relacionamento em família é uma questão delicada tratada pelas pessoas da contemporaneidade. Segundo Parasuraman e Greenhaus (1997) “trabalho e família, possuem desafios e opções para um mundo em mudança, aborda os desafios para alcançar o equilíbrio entre trabalho-família no contexto das transformações em curso”.

Daí, entender como as mulheres que atuam com múltiplos papéis conseguem conciliar estes diante de um mercado de trabalho que cada vez mais exige tempo, dedicação aperfeiçoamento contínuo, como também as exigências do lar, que requer atenção, cuidado e dedicação à família. A pesquisa pretende buscar compreender, como as

professoras que atuam em instituições de ensino superior, muitas vezes em mais de uma, com filhos em idade escolar, conseguem conciliar o trabalho e a vida pessoal, através de suas experiências, já que essa é uma situação vivida por muitas mulheres em todo o mundo, independente da cultura, da nação.

A questão de pesquisa esta voltada para como as professoras que atuam na educação superior conciliam trabalho-vida pessoal, seja da rede pública e/ou privada. Como essas mulheres buscam o equilíbrio, para que os múltiplos papéis não sobreponham o outro.

2 Fundamentação Teórica

2.1 Docência do ensino superior e suas particularidades

2.1.2 Docência na educação superior – breve histórico das mudanças

A docência na educação superior não é apenas uma questão didática ou metodológica de estudar e aprender, é uma prática social através do conhecimento como produção histórica, cultural e econômica. Nesse sentido a história da educação no Brasil se deu quando a Escola Normal foi criada em 1835, na cidade de Niterói, já no ano de 1846 foi criada a de São Paulo, porém, a educação destinava-se para os homens, o acesso das mulheres não era permitido. Entretanto, no final do século a profissão de educador primário era tanto masculina quanto feminina, devido a uma reorganização da Escola Normal no ano de 1871 que propunha um currículo que diferenciava mulheres de homens.

A docência no ensino superior é um processo complexo que se constrói ao longo da trajetória e que envolve as demandas pessoais, profissionais e institucionais, é nestas três esferas que se constitui o professor. Contudo, no decorrer da história, a profissão de docente primário foi se tornando menos atraente para os homens e convertendo-se em um espaço feminino. Nesse momento as mulheres atuavam tranquilamente como professoras primárias, ciente de que este era considerado o primeiro passo para chegar à educação superior. Essa ideia se reforça com a tese de Guacira Lopes Louro, chamado de Mulheres na Sala de aula, onde mostra a abertura das primeiras escolas normais para a formação de docentes no século XIX, e que se formava mais mulheres do que homens, porque, eles tinham mais oportunidades de trabalho nas áreas industriais e comercial.

Nesse contexto, a docência estava se moldando para o perfil feminino no sentido de que era uma atividade que requeria habilidades como intuição, atenção, carinho e estas habilidades já eram desenvolvidos pelas mulheres no seu lar, na educação dos filhos. Porque a grande preocupação masculina era de que as mulheres se corrompessem pelo

mercado de trabalho e abandonassem os lares e as famílias. E atuando na educação eles acreditavam que isso não podia acontecer, porque era tida como uma atividade improdutiva.

Todavia, a educação sofreu diversas alterações tanto no contexto pedagógico, estrutural e econômico. Essas mudanças tiveram a intenção de beneficiar o professor, a escola, o aluno e a sociedade na tentativa de cumprir o papel social por completo. E um dos primeiros documentos a normatizar a educação foi a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, intitulado de Lei de Diretrizes e Bases da Educação. A LDB é o instrumento que padroniza e normatiza a educação no Brasil, no entanto, existem outros planos voltados para a educação como o Plano Nacional de educação e o Plano de Desenvolvimento da Educação que são metas a serem atingidas em um determinado período com a intenção de melhorar a educação.

A partir da LDB houve importantes transformações na educação superior, visto que, o sistema educacional até o momento se caracterizava pelo papel do Estado para a sua sustentação, e nesse momento aconteceu uma privatização e com isso deu-se a expansão desordenada, com diversos tipos de instituições de educação superior e vários tipos de cursos, em diversas áreas. Quanto à organização acadêmica têm-se muitos segmentos como: universidades, centros universitários, faculdades integradas, faculdade de nível superior tecnológico, faculdade on-line, etc.

Entre as mudanças mais significativas, destaca-se a universidade passou a ser um bem econômico de um lugar reservado a poucos, tornou-se um lugar para o maior número possível de pessoas e faz parte das dinâmicas sociais e está sujeita aos mesmos processos e às mesmas incertezas do âmbito político, econômico ou cultural que afetam todas as instituições sociais. No contexto feminino, as docentes, não tem uma situação muito diferente daquela na era industrial, tendo em vista, que na era industrial as mulheres que precisavam conciliar a vida pública com a vida privada, tinham o sentimento de culpa por estar fora de casa, e deixando os filhos sobre os cuidados de terceiros, ausente do convívio familiar para trabalhar.

Atualmente, a mulher sofre mais pressão e assume mais responsabilidades por ter conquistado o reconhecimento maior no mercado de trabalho. Pois, o objetivo das mulheres era levar a sociedade a enxergar a docência como uma profissão legitimada e com muitas virtudes e sem nenhuma maldade ou vulgarização em relação ao aspecto feminino.

2.2 Docência como profissão

O trabalho docente não consiste em cumprir ou executar, é uma atividade com pessoas que não podem trabalhar sem dar um sentido ao que fazem, é uma interação com outras pessoas, como os alunos, os colegas, os pais, os dirigentes da instituição, etc. A docência se desenvolve num espaço organizado com objetivos particulares e põe em ação conhecimentos e tecnologias de trabalhos próprios. No entanto, as exigências para atuar na educação superior são tantas que é preciso enfrentar diversos desafios que fazem parte do dia-a-dia dos professores. Iniciando pelos vínculos institucionais dos docentes que atuam na educação superior brasileira, onde geralmente têm dois ou mais vínculos institucionais, isso se deve ao fato das instituições não pagarem uma hora-aula condizente com o trabalho desenvolvido pelo docente.

Além disso, o trabalho docente é temporizado, calculado, controlado, planejado e fica submetido a um conjunto de regras burocráticas. O espaço e a duração de sua realização são controlados, visto que, trata-se de um trabalho cujo desenvolvimento é agendado em conformidade com programas, avaliações e, em sentido global, trabalha com diferentes padrões e mecanismos que direcionam o andamento dos alunos no sistema escolar. Para atender a todas as exigências da educação superior, normalmente, os professores definem-se a partir de suas áreas de conhecimento, centrando-se mais em suas especialidades.

Desse modo, é preciso considerar que o trabalho dos professores possui aspectos formais e informais, e que se trata de um trabalho flexível e codificado, controlado e autônomo, determinado e contingente. Visto que, ensinar é agir em sala de aula e na instituição em função da aprendizagem e da socialização dos alunos, atuando sobre sua capacidade de aprender, para educá-los e instruí-los com a ajuda de programas, métodos, livros, exercícios, normas, etc.

2.3 Relação professor-aluno

Tratar da relação professor-aluno é um processo multifacetado porque envolve muitos fatores e o professor precisa estar preparado para lidar com situações adversas, visto que, cada aluno tem características, contextos familiares e sociais diferentes. Então, o docente deve procurar saber do histórico de vida do aluno para que a relação não se restrinja apenas a sala de aula, mas que possa acontecer fora do contexto educativo. Com esse conhecimento previo dos alunos o professor pode compreender melhor o comportamento dos alunos, sem fazer julgamentos precipitados, contribuindo para a

construção de uma relação de confiança, respeito e afetividade. Em razão de que, o relacionamento interpessoal se dá pela existência de conhecimentos, emoções, sentimento juízos de valores susceptíveis de ser constantemente reformulados nas relações entre o professor e aluno (MAHEU & BIEN-AIMÉ, 1996).

O fortalecimento da relação se dá através da construção coletiva humana. Ter ações voltadas para atuar com os alunos com o objetivo de socializá-los, memorizá-los e instruí-los segundo as regras próprias da organização. Regras estas, que são cobradas no âmbito educacional, pois, o trabalho docente não se restringe a sala de aula, existe o antes, durante e depois, que vai cobrar do professor tempo, planejamento e o cumprimento das regras imposta pela escola em que atua. Por esse motivo, é que a partir do século XVIII, a educação será interpretada como um instrumento de emancipação coletiva e atribuirá aos professores uma missão quase evangélica, mas de fundo profano e laico, como, instruir o povo, formar cidadãos esclarecidos a luz do conhecimento (CONDORCET, 1989).

2.4 A mulher e o mercado de trabalho – contexto histórico da inserção na educação

2.4.1 Mudanças no perfil da família no decorrer da história.

A inserção da mulher no mercado de trabalho foi um caminho de lutas, desafios e conquistas e a partir dessas pequenas vitórias é que se pode desenhar o mercado de trabalho contemporâneo, visto que, as mulheres ocupam um espaço considerável. Para entender melhor essa relação histórica e compreender porque as mulheres precisam realizar duplas jornadas de trabalho para mostrar suas habilidades e competências e que são capazes de executar tarefas com excelência assim como qualquer profissional, pois, o objetivo era conquistar o espaço público e sair do espaço privado da família.

Assim, o perfil da família na era industrial mostrava-se diferente daquele praticado no século XVI, pois, de acordo com o Código Civil de 1916 (artigos 233 e 240), o casal teria funções específicas, onde caberia ao homem representar legalmente a família, administrar os bens de consumo e os da mulher e prover a manutenção do grupo familiar. Nesse caso, os papéis eram bem definidos, tanto para os homens quanto para mulheres, cada um exercia o seu papel sem interferir no do outro, de forma organizada, porém, com o passar do tempo à mulher ficou insatisfeita com o seu papel, demonstrando a vontade de ingressar no mercado de trabalho.

2.5 O papel da mulher na família e no mercado de trabalho

A mulher tinha a função de companheira e colaboradora nos cargos da família e o Código Civil não se referia aos direitos femininos e sim aos privilégios masculinos, porque

as mulheres diante desse contexto não tinham autoridade sobre os seus atos, entretanto, poderiam tornar-se chefes da família, somente na falta do marido ou se fosse comprovado a sua inutilidade. Beauvoir (1980) relata que as mulheres não se enxergavam como sujeitos, por não possuírem uma identidade social própria, era necessário construir antes de tudo um “sujeito feminino” que fosse capaz de identificar suas problemáticas peculiares. Essa questão se deve pelo fato de que as mulheres viveram tempos de muita opressão e a sociedade as fazia acreditar que elas não eram importantes para o mercado de trabalho.

Mas a expansão da economia contribuiu para criar um ambiente propício à entrada de novos trabalhadores no mercado de trabalho, incluindo o sexo feminino. (VIEIRA, 2006). Foi a partir desse momento, que as mulheres iniciaram a luta de conciliar o trabalho doméstico com a atividade profissional, considerando uma maneira de não abandonar por completo a família. Se por acaso, as mulheres optassem por trabalhar integralmente, a sociedade julgaria que elas estariam abandonando os afazeres domésticos e dessa forma, seriam discriminadas pela sociedade e até mesmo pelas famílias.

2.6 Lutas, conquistas, perdas e desafios da mulher.

Ao passo que se insere no espaço público a mulher integra-se a realidade do mercado de trabalho. Essa integração pode ser melhor compreendida quando analisa-se os fatos socioeconômicos desde o período colonial até a fase da industrialização. Visto que, é no período colonial que fora utilizada a força de trabalho escrava. Contudo, na revolução industrial gera a necessidade de mão-de-obra livre assalariada como forma de garantir a existência do mercado consumidor e permitir a sobrevivência do capitalismo industrial.

Segundo Castells (1999) a entrada maciça da mulher no mercado de trabalho remunerado foi, em parte, possibilitada pelas transformações na estrutura econômica e financeira. Vários acontecimentos influenciaram a participação e o crescimento da presença feminina no mercado de trabalho, como a expansão do setor de serviços, do ensino e dos serviços pessoais e principalmente, permaneceram firmes nas atividades de saúde. Diante deste universo, as mulheres foram aos poucos se inserindo no espaço público e um dos fatores que ajudou foi à flexibilização do mercado de trabalho e a precarização das relações de trabalho (PENA, 1981, p.114).

No entanto, as mulheres enfrentaram muitos desafios e se submeteram a condições de trabalho sub-humanas, sem garantias de trabalho, com formas de contrato sem carteira assinada, salários menores, entre outras irregularidades. Assim como, enfrentaram preconceitos e discriminações, em uma batalha constante e mesmo assim não desistiram de

lutar pela igualdade de direitos. Diante de tamanha dificuldade as mulheres obtiveram vitórias e conquistas, como: o direito de votar e exercer cargo público, licença-maternidade, independência econômica e financeira, nova estruturação das relações de gênero e o acesso à educação, foram algumas das conquistas alcançadas pelas mulheres. Ao passo que, existiram conquistas houve também perdas nesse processo de inserção feminina.

Como a diminuição da feminilidade, sensibilidade, deixando-as mais duras e menos responsável consigo, com sua aparência, com os filhos e com o cônjuge. Assim, percebe-se que esses fatores femininos poderiam ter sido banidos devido ao contexto em que elas atuavam e para continuar no mercado de trabalho era preciso se adaptar ou não conseguiria se legitimar perante o grupo de interesse. Mesmo que para isso, fosse preciso agir e pensar como a classe masculina dominante.

2.7 A educação como forma de ingressar no mercado de trabalho dignamente.

A educação foi à maneira que as mulheres encontraram para inserir-se no mercado de trabalho de forma que não houvesse rejeição por parte dos maridos e da sociedade, atuando como professora. A atividade docente era considerada uma extensão do lar, já que se tratava de educar os filhos dos trabalhadores por meio do conhecimento e com isso a mulher começou a ocupar espaço no mercado de trabalho de forma digna e os papéis de mãe, esposa e mulher foram rapidamente associados ao papel de educadora.

Através da educação conseguiram trabalhar, serem respeitadas, e a mulher passou a frequentar a universidade e percebera que podia ampliar o seu campo de atuação. No decorrer do curso, percebera que a educação poderia ser muito mais do que a extensão das suas casas e sim uma oportunidade de liberdade e conquistar uma carreira promissora. Para mudar a imagem da educação, o professor esforçou-se bastante, no entanto, muito pouco adiantou, porque a educação se adequava a realidade do momento, o que não é diferente da atualidade. Pois, se na era industrial o ensino era para preparar os filhos dos trabalhadores, hoje estamos na era da informação, onde a educação precisa se adequar constantemente as mudanças que são impostas pela tecnologia e mercado.

Nesse sentido, é importante destacar que *ensinar* não pode ser confundido com o repasse do conhecimento e sim deve ser identificado como um processo organizado e sistematizado do conhecimento. A atividade docente constitui um dos pilares para a compreensão das transformações atuais da sociedade do trabalho.

2.8 Relações docente-família e suas consequências

A relação entre trabalho e vida pessoal, demanda a necessidade de uma carga elevada de trabalho quando se busca boas condições financeiras e, dessa maneira, ofertar a família uma qualidade de vida mais confortável. Esse contexto leva o professor a se dedicar mais ao trabalho do que a vida pessoal, criando uma lacuna entre esses dois papéis. A mulher assumiu um papel diferente do que exercia na era industrial e passou a ser a principal provedora do sustento econômico familiar, atuando fora de casa e contribuindo para a renda familiar. Surgindo o conflito como resultado da incapacidade do profissional para lidar com múltiplas funções e evitar que a vida familiar penetre no papel do trabalho ou vice versa.

O conflito é percebido a partir de uma perspectiva complexa e multidimensional, que para Silva (2005) é uma forma de resgatar o espaço do ser humano na dimensão do trabalho e na dimensão da família de forma integrada e não fragmentada. Segundo Parasuraman e Greenhaus (1997) o conflito surge em três momentos: o primeiro quando um papel exige mais tempo do que para o outro, o segundo acontece quando um papel interfere no outro e o terceiro conflito surge quando os comportamentos que são esperados ou apropriados para o papel da família são inadequados ou disfuncionais.

A organização do trabalho docente e a tensão entre trabalho-família enfrentados, além de prejuízos aos professores, poderão ter consequências para a qualidade do ensino. Pode-se compreender o trabalho do professor como, precário, principalmente quando considera-se a organização de seu trabalho, salários e benefícios, carreira, formação, treinamentos, jornada, contrato de trabalho e relações trabalho-família.

No caso dos professores brasileiros, aponta-se que eles estão entre as categorias profissionais expostas a situações de conflitos e de alta demanda, o que fica evidente em suas tarefas extraclasse, participações em reuniões, pressão envolvendo o cumprimento de prazos referentes à entrega de notas e conteúdos ministrados, problemas vivenciados com os alunos e seus familiares (CODD e VASQUES-MENEZES, 2000; LAPO e BUENO; 2003; REIS *et al.*, 2005).

Diante de tudo que foi exposto até o momento, como fica o professor entre o trabalho e a vida pessoal? Essa é a grande questão do estudo, como os professores, mas especificamente as professoras conseguem conciliar, trabalho e vida pessoal ou pelo menos tentam chegar a o equilíbrio entre os vários papéis desenvolvidos ao mesmo tempo. As mulheres trabalhadoras sentem-se mais culpadas e divididas entre o cuidado com os filhos, o investimento no casamento e a dedicação exigida ao trabalho, em especial, quando

enfrentam problemas na família (DINIZ, 1999; PLECK, 1985). Elas também lidam com as expectativas relativas ao bom desempenho nas tarefas domésticas.

O que provoca a vivência de conflitos conjugais gerados pelo trabalho, são verificadas como a falta de tempo, o excesso de trabalho e a irritabilidade, etc. frente aos prejuízos que podem ser gerados pelos conflitos de trabalho e família para os professores, como adoecimento, acidentes de trabalho, absenteísmo, afastamentos e rotatividade, o funcionário pode usar estratégias individuais, valendo-se de seus próprios recursos emocionais, e de apoio social da família, empresa ou de políticas públicas.

Como forma de tentar chegar ao equilíbrio, não existe uma fórmula pronta e que vai funcionar com todos os perfis, cada caso é único, por isso, vai depender do contexto em que o conflito foi gerado. Porque existem muitos tipos de família na atualidade, mães com filhos, pai com filho, pais homossexuais com filhos, pai e mãe com filho e etc, por isso, o equilíbrio vai depender de como o planejamento e o apoio social é fornecido e desenvolvido por cada caso.

3 Procedimentos metodológicos

Esta fase do estudo tem como objetivo definir a metodologia utilizada durante todo o processo de pesquisa. O trabalho está dividido da seguinte maneira: O delineamento da pesquisa; o contexto e os sujeitos da pesquisa; o tipo de instrumento da coleta de dados; os procedimentos da coleta de dados e a análise e interpretação dos resultados.

3.1 Delineamento da Pesquisa

Foi escolhido à pesquisa qualitativa básica, que oferece uma gama de métodos para a análise dos resultados, permitindo utilizar mais de uma técnica e assim dar mais consistência e confiabilidade ao trabalho. A pesquisa se complementará com entrevista semiestruturada, como instrumento de coleta de dados. A pesquisa exige do entrevistador habilidades como saber ouvir, ter atenção aos detalhes, na tentativa de captar os sentimentos, as expressões e entender o contexto do entrevistado para que a relação entrevistado-intervistador seja preenchida de confiança, para obter dados consistentes. Seguido da transcrição das entrevistas, já que foram gravadas, foram transcritas de forma fiel, para por fim realizar a análise dos resultados.

3.2 Contexto e sujeitos da pesquisa

A pesquisa foi realizada com cinco professoras que atuam em Instituições de ensino superior (públicas e privadas), localizadas nas cidades de Natal, Pau dos Ferros, Campina Grande, Princesa Isabel e João Pessoa. Dessa forma, faz necessário que entenda-se a definição de Instituição de Ensino Superior, que é a unidade de organização institucional autônoma no âmbito do ensino superior que promove educação em nível superior, regulamentados pela Lei nº 9.394, de 1996, conforme suas características são classificadas como, universidade, que pode ser formada por faculdades, escolas ou institutos de ensino superior, centro universitário e faculdade.

Segundo o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, no ano de 2007 havia 2.281 IES, já em 2011 esse número está 2.365 IES no Brasil (MEC/INEP, 2011 p.34). Enfim, no ano de 2012 havia em torno de 2.416 IES, sendo 2.112 particulares e 304 públicas conforme o censo de educação de 2012 (Moreira, 2013). O que demonstra que as IES estão em gradativo crescimento e percebe-se que a educação atende as necessidades do mercado de trabalho, mas sem esquecer-se de formar cidadãos éticos, que não visem apenas o lado financeiro e sim o lado humano também.

Todo esse cenário mostra um mundo competitivo onde as instituições de ensino superior precisam elaborar planejamentos estratégicos de forma eficaz e que possuam gestão democrática para que os colaboradores possam atuar e participar das atividades da instituição, contribuindo para o desenvolvimento da instituição e conseqüentemente da sociedade. Na pesquisa, foram investigadas cinco docentes que atuam na educação superior, uma atua em faculdades privada, três em universidades públicas e uma em universidade pública e privada.

A escolha das professoras se deu de forma intencional, motivado pelo perfil da pesquisa que é ser mãe, mulher e docente, alcançado os perfis específicos da pesquisa junto com o conhecimento e experiência de cada uma diante dos papéis mencionados acima. Desse modo quatro professoras são casadas, uma divorciada, e todas têm filhos em idade escolar, de um a oito anos. Faixa etária das professoras variou de 28 a 39 anos e o tempo de atuação na docência entre 02 a 10 anos. Os nomes das professoras não serão revelados, visto que, nos resultados elas aparecem citadas como: Prof.1, Prof.2, Prof.3, Prof.4 e Prof.5. Assim como, demonstra a **tabela 1**, a formação das docentes.

Tabela 1: Formação acadêmica das professoras:

Docente	Graduação	Especialização	Mestrado
Prof.1	Contabilidade		Engenharia da produção pela UFSC e mestranda em Ciências Contábeis pela UFPE.
Prof.2	Psicologia		Psicologia
Prof.3	Administração	Administração	Administração
Prof.4	Administração	Desenvolvimento Regional e Gestão Pública Municipal pela UERN.	Mestranda do Mestrado profissional MPROA pela UFPB.
Prof.5	Pedagogia		Administração pela UFPE

Fonte: Elaborado pelo autor, 2014.

A tabela 2 detalha o perfil de cada docente, na seguinte ordem: IES onde trabalha, quanto tempo possui de sala de aula, faixa etária, estado civil e por fim a quantidade de filhos.

Tabela 2: Perfil das docentes.

Professora	Instituição de Ensino onde atua	Experiência como docente (anos)	Idade	Estado Civil	Quantidade de filhos
Prof.1	Faculdade Mauricio de Nassau e a segunda não revelada pela entrevistada	10	39	Casada	02
Prof.2	UFPB	06	31	Casada	01
Prof.3	UFCG, FAFIQ, UNEB.	09	36	Divorciada	01
Prof.4	UERN	05	35	Casada	03
Prof.5	IFPB	02	28	Casada	01

Fonte: Elaborado pelo autor, 2014.

3.3 Instrumento da coleta de dados

No referido trabalho utilizou as entrevistas semiestruturadas, com o auxílio de gravador, com a autorização das entrevistadas, pode-se gravar as entrevistas, para em seguida transcrever de forma fiel. As entrevistas foram marcadas de forma dissemelhante com cada professora, com a Prof.1, foi marcada via e-mail, e o encontro ocorreu uma semana depois, precisamente no dia 25 de fevereiro, realizada no ambiente dos professores do CCSA da UFPB, com a Prof.2 foi marcada por telefone com antecedência de quatro dias e o encontro ocorreu no dia 04 de março, realizada no Departamento de Psicopedagogia da UFPB, com a Prof.3, ela estava participando do primeiro Colóquio

Internacional de Aprendizagem em Ação e Estratégias de Ensino na Administração, coordenado pelo professor Anielson Barbosa da Silva, no auditório do CCSA.

Do qual fazia parte da organização e surgiu a oportunidade diante de um diálogo informal e marcamos para o outro dia a entrevista que ocorreu em uma sala do Centro de Educação da UFPB no dia 18 de março, a Prof.4 a situação foi semelhante a da Prof.3 e aconteceu no ambiente dos professores do CCSA da UFPB no dia 18 de março e para finalizar a entrevista da Prof.5 foi marcada no dia 10 de abril de forma presencial e realizada no mesmo dia na casa da entrevistada.

Para todas as entrevistadas optou-se por um modelo padronizado com perguntas ordenadas e iguais com respostas abertas. As entrevistas foram iniciadas com a coleta dos dados sobre um breve perfil das docentes com perguntas abertas, correspondente a um mesmo documento, contida no apêndice A.

3.4 Coleta dos dados e análise e interpretação dos resultados.

Para coletar os relatos das experiências dos docentes foi aplicado o método de entrevistas focadas nas experiências vividas. Assim, as entrevistas tiveram um tempo de duração que variou entre 45 minutos e 01h35minutos e foram realizadas no local escolhido por cada docente, por esse motivo o local da realização das entrevistas variou conforme a docente.

Antes de iniciar cada entrevista foi feita uma breve apresentação pessoal, na qual o pesquisador expôs o objetivo do estudo e explicou os procedimentos que seria adotado durante a entrevista, lembrando-se de informar as entrevistadas à necessidade de gravar toda a entrevista. A realização das entrevistas se deu no período de fevereiro a abril de 2014 onde as entrevistadas demonstraram interesse e cooperação para contribuir com a pesquisa. Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas literalmente. A partir da transcrição, foi iniciado o processo de análise, com o objetivo de compreender os relatos e chegar às conclusões.

4 Resultados

4.1 O significado da docência pelo docente

O Objetivo é apresentar os resultados da pesquisa, analisando as questões que foram abordadas por meio da entrevista semiestruturada e compreender como os docentes de instituições de ensino superior conciliam trabalho e vida pessoal diante das exigências do mercado e da família e quais as implicações dessa relação na vida pessoal e profissional, segundo a percepção de docentes que atuam nas cidades de Natal, Pau dos

Ferros, Campina Grande, Princesa Isabel e João Pessoa, nas seguintes Instituições de ensino: MAURICIO DE NASSAU – João Pessoa, UFPB - João Pessoa, UFCG – Campina Grande, UNEB – Bahia, UERN – Pau dos Ferros e IFPB – Princesa Isabel.

Para a análise dos dados, no questionário continha a identificação dos docentes, que permitiu conhecer o perfil das entrevistadas e se fez uso das entrevistas semiestruturadas, das quais foram de fundamental importância, pois, se pode absorver através das mesmas a concepção de quem atua na educação superior, tendo como necessidade descobrir como as docentes conciliam trabalho e vida pessoal. Em razão de que, no universo das cinco docentes entrevistadas, fez-se o uso das respostas na íntegra e/ou trechos direcionados para a pesquisa, numa tentativa de delimitar melhor o foco da pesquisa, focando naquelas que mais evidenciaram o objeto do estudo. Neste sentido iniciam-se as entrevistas com o seguinte questionamento: O que é ser professora para você?

Ser professora é uma profissão que permite que você **se atualize constantemente** e a oportunidade de ajudar, ou melhor, **auxiliar aqueles alunos nas suas vidas**, seja profissional, quanto pessoal, porque acho que quem exerce a profissão de professor, não pode se limitar apenas dentro de sala de aula e sim tem que procurar entender e compreender o contexto dos seus alunos e procurar direcioná-lo para o melhor caminho. **(Prof.5)**

[...] Eu não tenho pensamento diferente de quando comecei não, **ser professor é um constante aprendizado, a possibilidade de aprender através dos meus alunos**, eu enxergo aquele dia que estou tendo oportunidade de aprender através deles, não é fácil existe uma série de fatores que contribuem e limitam essa questão. **(Prof.3)**

[...] **então pra mim é um prazer estava estudando e está sempre assim renovando meus conhecimentos, a cada trabalho, a cada orientação que você faz**, a cada disciplina eu sou professora de teoria então professor de teorias é aquele meio que quando precisa de outra disciplina, há chama a professora, já administrei tive que administrar aula até de marketing, embora não seja minha praia, então, teorias é muito abrangente, teoria das organizações, então você acaba que tendo que estudar um pouco de tudo né, então realmente eu gosto eu acho que ensinar, não sei se eu teria o mesmo prazer ou o mesmo envolvimento se não fosse nível superior não posso dizer porque não tive essa experiência, mas em **administração eu gosto muito, acima de tudo é prazeroso. (Prof.4).**

Na fala das docentes destaca-se que a docência tem um papel além de educar e sim de auxiliar para a vida, ensinar o que é certo e errado, o que é ético, justo, ensinar a ser comprometido com os seus objetivos e com a educação contribuindo para a formação do aluno, seja profissional e pessoal e que através da educação tem a possibilidade de não

deixar o conhecimento estático e sim trata-lo de forma dinâmica, sempre se atualizando, a cada orientação que o professor exerce, tendo a possibilidade e a humildade de expressar que pode aprender a cada aula ministrada com os seus alunos também é uma forma de adquirir mais conhecimento.

4.2 Docência, porque exercer?

A fala da Prof.2, expressa vários fatores negativos quanto a remuneração e a não valorização e o excesso de trabalho que a profissão demanda, pois, a docência não se resume em atuar em sala de aula, requer do professor um preparo antes, durante e depois das aulas. Uma profissão importante para a sociedade, visto que, a cada aula está se formando novos profissionais, e essa boa formação depende também do docente e da sua dedicação para com o aluno.

É uma delícia, árdua, eu gosto muito do que eu faço, eu sempre tive essa meta de entrar na educação superior, no início do curso eu não sabia exatamente o que eu ia trabalhar na educação superior, mas eu acho que por volta do terceiro quarto semestre eu já fechei essa ideia eu quero ser professora universitária, não sei em que área da psicologia, mas eu quero, aí entrei na base de pesquisa no quinto semestre com professor Valdinei que foi assim uma coisa muito importante, um momento muito importante da minha vida, trabalhar com ele. **É uma profissão dá muito trabalho, que é muito difícil, pouco remunerado, que é pouco valorizado. (Prof.2).**

No mesmo momento percebe-se o prazer de exercer a docência, de contribuir para a formação acadêmica e o prazer de lecionar fica evidente na fala da professora. Então como toda profissão tem dois lados, o negativo e o positivo, ao mesmo tempo em que é uma profissão “árdua”, no sentido de exigir tempo e dedicação do profissional é uma “delícia” perceber que o seu conhecimento está sendo distribuído para outras pessoas e que de alguma forma vai contribuir para o crescimento dessas pessoas.

4.3 Perfil do aluno de instituição pública x privada

Para Tardif e Lessard (2008, p 143) “O aluno está mais consciente de que a escola/faculdade não é o único lugar onde se aprende. Aprende-se na escola sim, mas também se aprende fora dela”. Na fala da Prof.1, percebe-se essa questão com relação ao perfil dos alunos, da rede privada e da rede pública:

[...] lhe da com aluno de faculdade particular é outro perfil é outro comportamento, eu sempre percebi isso eu me doava muito pra docência

e o retorno era pouco, **porque eles não queriam aprender a maioria deles**, eles queriam o diploma, **na federal não eles querem o diploma, mas eles querem aprender** não tão pagando nem nada, mas de alguma forma **o aluno da federal ele tem mais consciência** estava aqui mais motivado, há uma distorção, porque eles estão em uma particular trabalham o dia todo pra pagar a faculdade, então à gente tem que ensinar o mínimo possível não há uma **maturidade** de saber que é uma oportunidade valiosa de ter aquele professor comprometido pra dar muito mais do que aquilo, isso me desgastava muito me deixava muito exausta... (Prof.1)

A diferença da privada para a pública é o pensamento dos alunos na instituição privada já é assim da facilidade embora não seja pelo menos a princípio lá assim, nós tínhamos a mesma conduta na UERN, mas **os alunos esperavam uma conduta diferente, a conduta da facilidade**, não tinha, por estar pagando, então assim o 1º curso foi o 1º curso de uma universidade privada na cidade então tinha todo aquele olhar, não sei se vai continuar nesse pensamento, mas pelo menos o grupo de professores que iniciaram a gente tinha o mesmo pensamento, a gente dizia olhe pessoal aqui o tratamento é o mesmo tanto faz vocês estarem aqui como lá na UERN. (Prof.4)

[...] **o aluno eu também percebo que é objetivo diferente**, a gente costuma até dizer que aluno de escola pública se interessa até mais, não é bem assim, se você pegar um aluno da federal que é diurno ele só estuda, então ele tem mais é que se interessar, se você pegar um aluno da noite o perfil é diferente, então vamos comparar aluno da noite da federal com aluno da noite no Unipê, talvez tenha perfil semelhante (Prof.3).

Nas falas percebe-se que ela diferencia o perfil do aluno da instituição pública e da privada dizendo que o aluno da privada “[...] **eles não queriam aprender a maioria deles, eles queriam o diploma**[...]” [Prof.1], pois, a docente prepara a sua aula e sentia que era em vão e esse fator a desgastava enquanto profissional e ao mesmo tempo desmotivava. Já o aluno da instituição pública “[...] **eles têm mais consciência** [...]” [Prof.1] do seu papel e querem aprender mais, aproveitam aquela oportunidade valiosa que é estar em uma universidade gratuita.

4.4 Trabalhar em várias instituições, opção ou necessidade.

As declarações a seguir revelam que os docentes vivem num mundo competitivo, e são muito exigidos e incentivados a trabalhar em mais de uma instituição de ensino ou estudar para trabalhar em uma instituição pública, com dedicação integral.

Trabalho, em duas faculdades privadas, eu sempre lecionei contabilidade gerencial contabilidade de curso, as coisas que eu tenho aptidão, mas que não me estimulavam, a 1º que me convidou quando eu cheguei aqui em João pessoa só tinha uma disciplina que era essa

contabilidade gerencial então aceitei depois que surgiu a outra faculdade a Nassau no caso convidando pra uma banca pra ensinar teoria, desafio, ai foi muito bom, mas a outra paga melhor, são duas, uma eu ensino só uma disciplina e na Nassau eu ensino duas. (Prof.1)

Não, só aqui (UFPB), em 2005 quando eu fui dar aula lá na UFRN, como o meu contrato era de substituta, então eu podia ter contratos com outras instituições, ai quando foi em 2006, 2007, 2006 eu defendi o mestrado e 2007 eu entrei na iniciativa privada, ai dei aula um ano na FARMI e na UFRN ai 2008 eu passei no concurso da UFCG e fui me embora, **dava aula nas duas, por questões de salario**, porque na minha época professor substituto não ganhava tão bem, hoje já ganha melhor, hoje é interessante. (Prof.2)

Trabalhei na UFCG, na faculdade privada 7 de setembro na Bahia, na faculdade vale do Ipojuca em caruaru Pernambuco na FAFIQ em Santa Cruz do Capibaribe, na UNESC EM CAMPINA, sem contar nos cursos de especialização, trabalhei no curso de especialização na UNEB que fica na Bahia no campus 8 em Paulo Afonso. (Prof.3)

Os discursos dos docentes ilustram o porquê precisaram trabalhar em mais de uma instituição. Em suas experiências percebe-se, a vivência dos docentes Prof.1, Prof.3 e Prof.2 foi uma questão salarial, para alcançar independência financeira, realização de sonho material. Já as Prof.4 e Prof.5, tiveram experiências em instituições privadas, mas foi apenas uma questão de adquirir mais experiência profissional, não foi por uma questão salarial e a Prof.5 tem experiência em instituição pública. Chega-se a conclusão que a maioria dos docentes trabalha em mais de uma instituição por necessidade, por querer alcançar objetivos específicos.

4.5 Mãe, mulher e docente, uma relação traumática e compensador.

Temos observado que os papéis de mãe, mulher e docente estão em evidencia ao longo do tempo. Há cobrança de todos os lados, seja o lado profissional ou familiar, para isso é preciso que as docentes, conciliem esses papéis, por esse motivo a próxima pergunte é: Para você como é a experiência, de ser mulher, de Ser Mãe e de Ser Docente?

É muito sofrida, porque desde que **meu filho nasceu não pude me dedicar a ele integralmente como eu gostaria**, e como a docência é uma profissão que requer muito tempo, quando estou em casa, estou estudando sem poder dar atenção a ele e ainda tem o marido que espera de mim os mesmos cuidados de antes do filho nascer, para isso **preciso esquecer um pouco de mim como mulher** e me dedicar às coisas que mais gosto que são a docência e meu filho, mas confesso que **a profissão está em primeiro lugar atualmente**, mas pretendo no futuro reverter essa situação. (Prof.5)

Sempre fui docente, nossos filhos surgiram no ambiente o meu marido me ajudou mais vivi muito em função do meu primeiro filho, eu **vivi plenamente tudo que eu podia em função do primeiro filho da coisa de ser mãe**, passei um ano sendo mãe ai não aguentei, ai **comecei a retomar a minha vida**, mas não na docência , quando tive o segundo filho que olhei pra um lado e pro outro, o pequeno sofreu muito mais que o primeiro filho com a ausência da mãe, **o segundo trouxe uma necessidade enorme de mudança** pra mim. A ausência do pai na criação do primeiro filho compensou na criação do segundo. (Prof.1)

Estou nessa tríade há um ano, agora que estou começando a vivenciar, **eu fiquei um ano inteiro só sendo mãe e mulher**, eu me senti privilegiada de ter essa chance, agora estou tendo que me adaptar eu preciso fazer essa transição de uma forma que não seja traumática pra mim e pra meu filho. (Prof.2)

Eu coloquei nos agradecimentos da minha dissertação depois de Deus a minha filha, eu me tornei uma **aprendiz** muito mais **cuidadosa** sendo mãe, eu tenho aprendido muito com minha filha, **aprendi a lidar melhor com meus alunos, com meu ambiente de trabalho a partir da perspectiva da minha filha**, por exemplo, como mãe eu tenho que exercitar a questão da paciência, acompanhar as atividades escolares da minha filha eu faço questão de fazer, eu posso estar cansada, mas se minha filha trás um livro isso faz com que eu esqueça isso acaba meio que reproduzindo dentro da sala de aula com meus alunos, **valorizando o que pra eles é importante** mesmo que pra mim naquele momento não seja tão importante, minha filha tem ensinado isso e a paciência de entender as limitações dela. (Prof.3)

Estar o tempo todo provando pra todo mundo que não precisa provar nada pra ninguém, você precisa estudar um pouco mais porque você precisa preparar o teu aluno melhor e muito **planejamento**, **o fato de mãe e mulher me exige um planejamento cada minuto do meu dia cada final de semana é muito planejado**, isso acaba sendo um ciclo virtuoso pra mim, aquele momento que estou com minhas filhas brincando eu estou de certa forma desopilando estou tendo o prazer de estar com elas, **minha família me coloca um freio faz com que eu vá, mas tem um limite é até aqui você volta**. (Prof.4).

Nos relatos acima pode-se perceber alguns fatores que marcam essa relação, com traumas e alívios, para as docentes é preciso o apoio social, seja do marido, família e/ou amigos. A Prof.1 e Prof.2, renunciaram um tempo determinado de suas atividades profissionais para cuidar dos filhos que estavam em idade que segundo elas é crucial a presença da mãe, mas para isso foi necessário dedicar-se apenas a um papel, o de ser mãe, quanto ao papel de ser docente, naquele momento ficou em segundo plano.

Já a docente Prof.4 adota o planejamento das suas atividades profissionais como forma de conciliar os papéis de maneira que um papel não sobreponha o outro e aproveite o tempo com qualidade, tanto para a família quanto para o trabalho. Chega-se a conclusão que todos os pontos abordados pelas docentes eles não podem ser tratados de forma individual e sim como um conjunto que se completam, para que essa relação não prejudique nenhum papel. Essa relação é fundamental, pois as docentes relataram que dão prioridades a cada papel, por esse motivo, colocou em ordem crescente de importância, qual a ordem de cada papel em suas vidas, e deu-se o seguinte resultado:

Tabela 3: Prioridades de Papeis

Docente	Mãe	Mulher	Docente
Prof.1	1º	2º	3º
Prof.2	1º	2º	3º
Prof.3	1º	2º	3º
Prof.4	1º	3º	2º
Prof.5	2º	3º	1º

Fonte: Elaborado pelo autor, 2014.

Nota-se que a maioria das docentes, coloca em primeiro lugar a maternidade, seguido do papel da mulher e por último a profissão, mas essa ordem não é fixa, vai depender do momento e da necessidade da professora. Destaca-se a Prof.5 que coloca a profissão em primeiro lugar, mas informa que é por tempo determinado, até ela se estabelecer financeiramente.

5 Conclusão

Pesquisar sobre a relação trabalho-vida pessoal de mulheres docentes de instituições de ensino superior do Estado da Paraíba possibilitou entender como essas docentes percebem o significado de cada papel em cada dimensão das suas vidas. O estudo procurou compreender, na percepção dos docentes, a vivência do conflito na atividade profissional, na vida pessoal e na vida familiar. Para isso, foram formulados os seguintes objetivos específicos:

- a) identificar quais os papéis desenvolvidos pelas professoras;
- b) identificar o nível de interferência do trabalho na vida pessoal e suas consequências;
- c) identificar quais são as prioridades de papéis nessa relação;
- d) identificar quais são os facilitadores e limitadores para conciliar trabalho e vida pessoal.

A pesquisa proporcionou identificar várias concepções sobre a inserção da mulher no mercado de trabalho, mostrar como a educação ganhou vida e se transformou em uma profissão de respeito através do esforço das mulheres e como elas conciliam os papéis de mãe, mulher e docente no decorrer da história. A partir dos relatos, foi possível identificar em que ordem de prioridade cada papel tem prioridade na vida dos docentes. Em sua maioria, o papel de mãe está em primeiro lugar, porém, o lado profissional aparece como primeiro lugar na percepção de uma docente, o que para ela teve como consequência, a distância do filho, do marido e da família.

Mas todas relatam que tentam desenvolver todos as funções ao mesmo tempo, para que um papel não sobreponha o outro, de forma que nenhum envolvido seja afetado. Segundo Parasuraman e Greenhaus (1997), diz que o “conflito de papéis é frequentemente relatado por mulheres onde aparecem tentando “fazer tudo”, levando ao estresse, sobrecarga de papéis e burnout”. A maioria das mulheres trabalha para aumentar a renda familiar, para sustentar as suas famílias ou para atingir realização pessoal, juntamente com as atividades domésticas, é o que chamamos de dupla jornada de trabalho.

Abordaram muitas questões no âmbito da educação, como: o gênero, perfil dos alunos de instituições privadas e públicas, os preconceitos e desafios do ensino superior, refletiram porque que escolheram atuar na educação superior, o porquê de trabalhar em mais de uma instituição, como o tempo é importante na relação trabalho-vida pessoal, cultura organizacional inflexível e como os seus respectivos cursos de formação as preparam para o mercado de trabalho e não para a docência, segundo os relatos das docentes. Diante de temas que englobam o contexto educacional, as docentes, sentem-se privilegiadas por desenvolver uma função que para elas pode ajudar outras pessoas, com o conhecimento que adquiriram com a leitura e experiência.

Ajudar os alunos a se tornar cidadãos justos, éticos e que saibam direcionar a sua vida para o bem. Sobre a jornada de trabalho dos docentes, as investigações revelaram a dinâmica das atividades educacionais, o ritmo implacável e as pressões pelas quais os docentes estão subordinados diariamente. No dia a dia, a demanda excessiva de trabalhos como: orientações, preparar aulas, corrigir provas e trabalhos, responder e-mails, telefones, ir a reuniões e principalmente continuar as leituras que o trabalho pede, faz com que os docentes fiquem expostos a doenças como estresse, burnout, mal-estar entre outras, gerando descontinuidade e conseqüentemente a desconcentração.

Para Robbins (2009, p. 246):

As pessoas têm uma capacidade finita de processar informações. Quando as informações com que temos de trabalhar excedem nossa capacidade de processamento, o resultado é a sobrecarga de informação. A tendência é selecionar, ignorar ou esquecer informações. O resultado é a perda de informações e comunicação menos eficaz.

Os docentes vivenciam tensões e preocupações relacionadas ao desenvolvimento e execução de tarefas, longas jornadas diárias, intensidade do ritmo de trabalho e ao cumprimento de metas. Este contexto faz com que o dia a dia dos docentes seja mais acelerado e sobrecarregado, gerando conflitos entre os interesses pessoais e os interesses do trabalho. Os docentes têm um ritmo de trabalho acelerado e esse fator fica em evidência devido aos compromissos fora da cidade onde reside e com isso ficar longe do lar e da família. As docentes já desenvolveram doenças como, engordar de forma excessiva, devido ao ritmo frenético, alimentava-se mal e dormia pouco, depressão, falta de estímulo para ir trabalhar, e ao mesmo tempo precisam abrir mão de momentos importantes, como ir à festa da escola dos filhos, cuidar dos filhos doentes, desenvolver atividades domésticas, trabalhando finais de semana e feriados.

Na pesquisa foi possível identificar os papéis desenvolvidos pelas docentes como o papel de mãe, que precisa de tempo para os cuidados com a criança, como deixar na escola, interessar-se pelas atividades e tarefas escolares dos filhos, cuidar da alimentação, vestuário, lazer, educação, são algumas questões que se precisa dos cuidados de mãe. O segundo papel identificado foi o de mulher, esse papel foi o que gerou mais discussão entre as entrevistadas, porque algumas delas não conseguem cuidar de si, da sua beleza, da aparência física e da sua saúde, porque os outros papéis demandam mais tempo.

O terceiro papel segue para o lado profissional, que para muitas mulheres é uma questão de realização pessoal e que nenhuma entrevistada quer deixar de trabalhar, pois isso garante a sua independência financeira, sua liberdade. A pesquisa revelou que o nível de interferência do trabalho na vida pessoal gerou consequências graves e que não podem mais voltar atrás para consertar, é preciso seguir em frente e não cometer os mesmos erros. As consequências identificadas foram:

Tabela 4: Identificação de interferência do trabalho na vida pessoal.

CONSEQUÊNCIAS IDENTIFICADAS	
Divórcio	Devido a grande carga de trabalho, o casamento ficou em último plano.
Ausência da mãe	Viagens a trabalho
Rotina de Trabalho	Alterada, pois o grau de responsabilidade é elevado, por isso requer muito tempo.
Carga de Trabalho	Sobrecarga de 8 a 16 horas, dependendo da semana, pode ser maior.

Fonte: Elaborado pelo autor, 2014.

Consequências que as docentes tentam reverter diariamente, cada uma a sua maneira. Com planejamento, com o apoio social, com a lei da compensação, para que essas consequências não afetem de forma negativa a sua prioridade que é a família. Sobre os facilitadores e limitadores, no decorrer das falas, as docentes revelam que não existe uma fórmula pronta, que vai se adequar a todo perfil de família, pois, cada uma é única e pode tomar as atitudes que lhe achar conveniente, mas os principais pontos estão logo abaixo na **tabela 5:**

Tabela 5: Facilitadores e limitadores na relação trabalho-vida pessoal.

FACILITADORES	LIMITADORES
Planejamento Profissional	A falta de compreensão do cônjuge
Falar a verdade	A carga excessiva de trabalho
Não levar trabalho para casa	A falta de tempo
Apoio Social	Limitação profissional
Dialogo	

Fonte: Elaborado pelo autor, 2014.

Sobre o planejamento profissional, serve para que os docentes consigam cumprir todas as suas atividades profissionais e conciliar com as atividades familiares. Segundo Robbins (2005), “o planejamento profissional, serve como uma fonte de motivação, pois é a maneira como os elementos do trabalho são organizados.” As principais características do planejamento profissional são a variedade de habilidades, identidade da tarefa, significância da tarefa, autonomia e feedback. Por esse motivo, o planejamento é considerado um facilitador na relação trabalho-vida pessoal.

Quanto a falar a verdade e o dialogo, são maneiras que as docentes perceberam que funciona a diminuir os conflitos entre os filhos e a família, outro facilitador citado foi que quando não se leva trabalho para casa o tempo destinado às atividades do lar, é desempenhado com qualidade e menos conflitos. O apoio social foi unânime entre as

docentes, elas falam que sem a ajuda da mãe, da sogra, do pai da criança, dos amigos e de babá não conseguiriam manter-se no mercado de trabalho de forma competitiva. No que tange aos fatores limitadores na relação trabalho-vida pessoal, foram destacados vários itens, dentre os quais se pode citar:

A falta de compreensão do cônjuge diante do ritmo de trabalho da docente, o que acarreta em separação das partes. Outro ponto, que se manteve em destaque na maioria do trabalho foi com relação à carga de trabalho dos docentes. As docentes indicam como limitador, pois, afeta a vida pessoal consideravelmente, porque resta pouco tempo para ficar com os filhos e a família, como também para desenvolver atividades de qualidade, quanto à limitação profissional, as docentes dizem que a maternidade limita no quesito viagens, palestras, realizar outros cursos, então em primeiro lugar a família e depois o trabalho.

Conciliar o trabalho e a vida pessoal é difícil, mas não impossível, como podemos perceber ao longo deste trabalho, para isso, os envolvidos precisam de um nível de maturidade elevado e que caminhem com objetivos comuns, sempre apoiando e respeitando as suas limitações, como também, não se esqueçam de viver e usufruir um pouco do que a vida oferece, ao lado dos filhos e familiares. Enfim, considero que superei mais um desafio na minha vida acadêmica. Adquiri conhecimentos importantes sobre o tema, que particularmente, fiz com muito prazer e com a intenção de estudar cada vez mais sobre a relação trabalho e vida pessoal. Espero que outros possam se beneficiar do conhecimento e das experiências temporais tratados no contexto desta pesquisa, no sentido de que possam lidar melhor com os desafios do trabalho juntamente com a vida pessoal.

Em função da complexidade do tema e da riqueza de experiências relacionadas com a docência estou ciente das limitações deste estudo, o que possibilita a outros pesquisadores interessados, complementarem pontos não abordados pela presente pesquisa. Como sugestão para futuras pesquisas podem ser abordados os seguintes pontos: estudar o nível de influência da tecnologia na educação; comparar os perfis dos alunos das instituições públicas e privadas; estudar como os docentes distribuem o tempo, entre os vários papéis que desenvolvem.

6 Referencias

- BEAUVOIR, Simone de. O segundo sexo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. V. 1 e 2.
- BELTRÃO, P. C. Família e política social. Rio de Janeiro: Agir, 1962.
- BENEVIDES-PEREIRA, A.M. (Org). Burnout: quando o trabalho ameaça o bem-estar do trabalhador. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.
- BRITO *et al.* Trabalhar na escola. Rio de Janeiro, Edições PUB, 2001.251-77 p.
- BRUSCHINI, M. C. A. Trabalho e Gênero no Brasil nos Últimos Dez Anos. Cadernos de Pesquisa. V. 37, n. 132, set./dez. 2007, p. 537-572.
- BRUSCHINI, C.; LOMBARDI, M. R. Mulheres e homens no mercado de trabalho brasileiro: um retrato dos anos 1990. In: MARUANI, M. e HIRATA, H. As novas fronteiras da desigualdade: homens e mulheres no mercado de trabalho. São Paulo: Editora Senac, 2003, p. 324-361.
- CASTELLS, M. (1999). O poder da identidade. (K. B. Gerhardt). São Paulo: Paz e Terra. (Trabalho original publicado em 1996).
- CODO, W. VASQUES-MENEZES, I. Burnout: Sofrimento psíquico dos trabalhadores em educação. Cadernos de Saúde do Trabalhador, CUT, out. de 2000.
- DAL ROSSO, S. Mais Trabalho: A intensificação do labor na sociedade contemporânea. São Paulo, Bomtempo, 2008.
- DECAUX, Alain. Historie des français. Paris: Amiot-Dumont, 1972. V.2.
- DEJOURS, C. *A loucura do Trabalho: Estudo de Psicopatologia do Trabalho*. Ed. Cortez-Oboré: São Paulo, 1987. 168 p.
- ESTEVE, J.M. O Mal-Estar Docente: A sala de aula e a saúde dos professores. Tradução de Durley de Carvalho Cavicchia. Bauru, SP: EDUSC, 1999.
- FRIEDAMAN, Betty. Mística feminina. Petrópolis: Vozes, 1971.
- GIDDENS, Anthony. Mundo em descontrol. Edição 4, 1999, editora record. Rio de Janeiro/São Paulo.
- GOMES, A. F. O outro no trabalho: mulher e gestão. Disponível em: <http://www.ead.fea.usp.br/cad-pesq/arquivos/313.pdf>. Acesso em: 19 de outubro de 2011.
- GREENHAUS, J. H. e BEUTELL, N. J. (1985), Sources of conflict between work and Family roles. Academy of Management, vol. 10, n 2, pp. 102-129, Abr.
- HASSARD, J. Tempo de trabalho: outra dimensão esquecida nas organizações. **In:** CHANLAT, J. F. (coordenador). **O indivíduo na organização: dimensões esquecidas**. V. 1. São Paulo: Atlas, 1992, p. 175-193.

LAPO, F. R.; BUENO, B. O. Professores, desencanto com a profissão e abandono do magistério. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 118, p.65-88, mar/ 2003.

LAVINAS, L., Amaral, M. R. do e Barros, F. (2000). *Evolução do desemprego feminino nas áreas metropolitanas*. Rio de Janeiro: IPEA, Texto para Discussão, nº 756.

MARIA VIRGINIA de figueiredo Pereira do Couto Rosa e Marlene Aparecida Gonzalez Colombo Arnoldi. *A ENTREVISTA NA PESQUISA QUALITATIVA: Mecanismos para validação dos resultados*. Editora autêntica, Belo Horizonte – MG. 2006.

MAURICE Tardif e Claude Lessard. *O TRABALHO DOCENTE: Elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas*. Editora vozes, quarta edição, Petropolis – RJ. 2008.

Ministério da Educação: *DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO SUPERIOR: Educação superior em debate*. 2005, Brasília. Editora Unesco.

PENA, Maria Valéria Junho. *Mulheres e Trabalhadoras: presença feminina na Constituição do Sistema Fabril*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1981.

PROBST, E.R. A Evolução da mulher no mercado de trabalho. Disponível em: <http://www.icpg.com.br/artigos/rev02-05.pdf> . Acesso em: 19 de outubro de 2011.

RAGO, Margareth. *Do Cabaré ao lar – a utopia da cidade disciplinar, Brasil 1890-1930*. Rio de Janeiro Paz e Terra, 1985.

ROCHA, M. L.; GOMES, L G. *Saúde e trabalho: A Educação em questão*. In ESTEVE, J M. *Mudanças sociais e função docente*. In: Novoa A (ed.) *Profissão Professor*. 2ª ed, Porto Editora: Porto 95-120 p. 1995.

RUBERY, J. Labor Markets and Flexibility. In: ACKROYD, S. et al. *Oxford Handbook of Work and Organization*, Great Britain, Oxford University, 2005, p. 31-51.

SAROJ Parasuraman e Jeffrey H. Greenhaus *WORK AND FAMILY: Challenges and Choices for a Changing world*, 1997, United States of America, editora Praeger.

SERRA, Fernando. **O tempo na sua vida**. São Paulo: Saraiva, 2009.

SMITH, V. New forms of work organization. In: *Annual Review of Sociology*, v. 23, p. 315-339, 1997.

SOUZA, K.R. *et al.* Trajetória do Sindicato Estadual dos Profissionais de Educação do Rio de Janeiro (SEPE-RJ) Na Luta pela saúde no trabalho. *Ciência e Saúde Coletiva*, v.8, n.4, p.1057-1068, 2003.

SOUZA, A. N. Professores e Mercado de Trabalho. VI SEMINÁRIO DA REDESTRADO - Regulação Educacional e Trabalho Docente– UERJ - Rio de Janeiro –RJ, 06 e 07 de novembro de 2006.